

Economia - Brasil

A época das vacas gordas

ELLEN B. GELD

Ultimamente, está muito em voga referir-se nostálgicamente aos "anos das vacas gordas". As pessoas gostam de dizer: "Ah! Aqueles anos em que o dinheiro era fácil e todos estavam ficando ricos". Cada vez que ouço essas afirmações fico pensando: é verdade, o dinheiro era fácil de obter, mas as vacas eram realmente gordas?

Suponho que essa época foi a das décadas de 60 e 70, quando a expansão industrial estava no auge e os projetos grandiosos, como Itaipu, a Transamazônica, as usinas nucleares, estavam em andamento. O "boom" industrial criou milhões de empregos nas grandes cidades e, por conseguinte, o êxodo rural. Também criou milhões de consumidores que outrora eram produtores, no mínimo, do próprio alimento. Infelizmente, entretanto, as vacas não eram gordas. A produção agrícola per capita era de aproximadamente um brasileiro produzindo alimentos para si mesmo e para outros três, em comparação com um fazendeiro produzindo para 50 ou 60, em países que construíram enormes complexos industriais em bases agrícolas já sólidas.

A meu ver, a coisa mais trágica e perigosa que aconteceu aqui, como consequência disso, foi que a pobre vaca magra jamais teve a oportunidade de acompanhar o progresso. Enquanto o fazendeiro americano está, agora, produzindo para 78 pessoas, por exemplo, o fazendeiro brasileiro está produzindo para seis. Durante algum tempo, lá, juntamente com todos os outros, o fazendeiro estava usando um financiamento já ii para produzir mais. O êxodo rural além do crescimento de mercados estrangeiros, empurrou-nos para a era de diversificação e mecanização. Tudo bem, porque estas, por sua vez, exigiam e conseguiam melhores métodos agrícolas. Mas a base agrícola era fraca e tinha um longo caminho a percorrer para poder sustentar a população cada vez maior das cidades.

Jamais existiu, realmente, um plano consistente para o financiamento a longo prazo da produção agrícola. E nenhum sistema de preços garantidos. Por um longo período, e sob muitos aspectos ainda agora, a agricultura, por meio de coisas como o confisco cambial sobre o café, a soja e a carne, ajudou a subsidiar a exportação industrial. Ao mesmo tempo, a inflação tornou-se desenfreada, enquanto o aumento dos preços de produtos agrícolas deixou, sistematicamente, de acompanhar a mesma taxa dos produtos industriais. O resultado foi que, até mesmo as taxas de juros absurdamente baixas, concedidas para "custeio" em certas áreas de produção, os fazendeiros brasileiros, nos últimos sete ou oito anos, simplesmente foram incapazes de fazer os investimentos a longo prazo necessários para que a produção au-

mentasse à taxa em que deveria. A maior parte do aumento da produção nos últimos anos foi devida a aumento em hectares de novas terras que, a princípio, não exigem fertilização. Enquanto isso, as terras antigas foram-se deteriorando.

Isso não deveria acontecer. A terra nova se desgasta rapidamente: ou seja, torna-se terra que exige fertilização e investimento regular para poder produzir. Mas pode produzir regular e indefinidamente, como fizeram durante séculos as velhas fazendas da Europa, para sustentar populações saudáveis e bem alimentadas. E é deste tipo de agricultura que, afinal, todos temos de depender. O tipo de agricultura que deriva de vacas verdadeiramente gordas.

Eis porque, considerando nossa situação atual, irrita-me quando penso nos planos dos anos das "vacas gordas" que incentivavam empréstimos e despesas inúteis com projetos, na maioria públicos, que não tinham a capacidade de produzir as receitas necessárias para pagar as dívidas contraídas. Não importa o que se tente fazer com ele, o dinheiro nunca pode ser mais do que um símbolo numérico da produtividade. Quando esta é batida, o dinheiro torna-se cada vez mais sem valor. Sendo assim, não é muito difícil relembrar aqueles anos "prosperos" e ver que as vacas não eram de forma alguma suficientemente gordas para sustentar um repentino "boom" industrial e, muito menos, um Itaipu destinado a fornecer mais energia do que a que se poderá usar por muito, muito tempo.

A lição é evidente. O progresso estável não pode ser apressado. Fazer empréstimos além do potencial produtivo real para pagar só pode produzir o desastre de cidades apinhadas, repletas de consumidores desempregados, que não podem comprar produtos — particularmente alimentos — que custam cada vez mais para produzir. Que maravilhoso seria se pudéssemos apagar tudo e recomeçar. Uma das melhores coisas que poderíamos fazer seria tirar o governo da produção, pondo-o a cavar esgotos, manter a ordem e fornecer instrução — áreas de sua alcada.

Mas, como não podemos apagar os erros, o melhor que podemos fazer é continuar a trabalhar arduamente para corrigi-los. Trabalhar arduamente, ou seja, em coisas viáveis: no projeto Carajás, em que a empresa privada tem suficiente confiança para estabelecer uma base sólida para trabalhar. Sistemas de represas no Nordeste, que eventualmente podem chegar à produtividade e estabilidade. Um programa agrícola consistente, que crie a base necessária para o apoio de todo o resto, bem como, a existência de verdadeiras vacas gordas pela primeira vez na história do Brasil.

ESTADO
7 AGO 1983